



A Santa Sé

**. MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O ENCONTRO DE REPRESENTANTES
NACIONAIS E INTERNACIONAIS REUNIDOS
EM MILÃO DEDICADO ÀS "IDEIAS DE EXPO-2015" Sábado, 7 de Fevereiro de 2015**

Boa tarde a todos vós, mulheres e homens, que estais reunidos hoje para meditar sobre o tema:
Alimentar o Planeta, Energia para a Vida.

Por ocasião da minha visita à FAO recordei como, além do interesse «pela produção, a disponibilidade de alimentos e o acesso a eles, a mudança climática e o comércio agrícola», que constituem questões inspiradoras fundamentais, «a primeira preocupação deve ser a própria pessoa, quantos não têm o alimento diário e deixaram de pensar na vida, nas relações familiares e sociais, e lutam unicamente pela sobrevivência» (*Discurso à FAO*, 20 de Novembro de 2014).

Hoje, com efeito, não obstante o multiplicar-se das organizações e as diferentes intervenções da comunidade internacional sobre a alimentação, vivemos aquilo que o Santo Papa João Paulo II indicava como «paradoxo da abundância». Efectivamente, «há alimento para todos, mas nem todos podem comer, enquanto o desperdício, o descarte, o consumo excessivo e o uso de alimentos para outros fins estão diante dos nossos olhos. Eis o paradoxo! Infelizmente, este “paradoxo” continua a ser actual. Há poucos temas sobre os quais se exibem tantos sofismas como a fome; e poucos argumentos tão susceptíveis de ser manipulados pelos dados, pelas estatísticas, pelas exigências de segurança nacional, pela corrupção ou por uma chamada dolorosa à crise económica» (*ibidem*).

Para superar a tentação dos sofismas — aquele nominalismo do pensamento que vai muito além, mas nunca toca a realidade — para vencer esta tentação, sugiro-vos três atitudes concretas.

1) Passar das urgências para as prioridades

Tende um olhar e um coração propensos não tanto a um pragmatismo que se revela como proposta sempre provisória, mas a uma orientação decidida na resolução das causas estruturais

da pobreza. Recordemos que a raiz de todos os males sociais é a desigualdade (cf. *Evangelii gaudium*, 202). Desejo repetir-vos aquilo que já escrevi na *Evangelii gaudium*: «Não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata. Não é possível que a morte por congelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na bolsa de valores» (*ibid.*, n. 53). Este é o fruto da lei de competitividade, pelo qual o mais forte predomina sobre o mais frágil. Atenção: aqui não estamos só diante da lógica da exploração, mas também do descarte; com efeito, «os excluídos não são apenas “explorados”, mas também resíduos, “sobras”» (*ibid.*, n. 53).

Por conseguinte, se realmente quisermos resolver os problemas sem nos perdermos em sofismas, é necessário extirpar a raiz de todos os males, que consiste na desigualdade. Para isto é preciso fazer algumas escolhas prioritárias: renunciar à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira, e agir acima de tudo sobre as causas estruturais da desigualdade.

2) Sede testemunhas da caridade

«A política, tão denegrada, é uma vocação sublime, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum». Devemos convencer-nos de que a caridade «é o princípio não só das microrrelações, estabelecidas entre amigos, na família e no pequeno grupo, mas também das macrorrelações, como relacionamentos sociais, económicos e políticos» (*ibid.*, n. 205).

Portanto, onde deve começar uma sadia política económica? No que se compromete um autêntico político? Quais são os pilares de quem é chamado a governar? A resposta é específica: a dignidade da pessoa humana e o bem comum. No entanto, infelizmente estes dois pilares, que deveriam estruturar a política da economia, muitas vezes «parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político, sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral» (*ibid.*, n. 203). Por favor, sede corajosos e não tenhais medo de vos deixar interrogar, nos programas de política e de economia, por um significado mais amplo da vida, porque isto vos ajudará a «servir verdadeiramente o bem comum» e vos fortalecerá ao «multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos» (*ibidem*).

3) Administradores e não senhores da terra

Recordo novamente, como já fiz na FAO, uma frase que ouvi de um idoso camponês, há muitos anos: «Deus perdoa sempre as ofensas, os abusos; Deus perdoa sempre. Os homens perdoam de vez em quando. A terra nunca perdoa!». Preservemos a irmã terra, a mãe terra, para que ela não responda com a destruição» (*Discurso à FAO*, 20 de Novembro de 2014).

Diante dos bens da terra somos chamados a «nunca perder de vista a origem e a finalidade de tais bens, de modo a realizar um mundo equitativo e solidário», assim afirma a doutrina social da

Igreja (*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 174). A terra foi-nos confiada a fim de que possa ser para nós uma mãe, capaz de oferecer a cada um o que é necessário para viver. Certa vez, ouvi uma frase bonita: a Terra não é uma herança que nós recebemos dos nossos pais, mas um empréstimo que nos foi concedido pelos nossos filhos, para que nós a conservemos e a façamos progredir, e que depois lhes devemos restituir. A terra é generosa e nada faz faltar a quantos a preservam. A terra, que é mãe para todos, exige respeito e não violência ou, pior ainda, arrogância de senhores. Devemos restituí-la aos nossos filhos melhorada, preservada, porque se trata de um empréstimo que eles nos concederam. A atitude de preservação não é um compromisso exclusivo dos cristãos, mas diz respeito a todos. Confio-vos aquilo que já disse durante a Missa de início do meu ministério de Bispo de Roma: «Queria pedir, por favor, a quantos ocupam cargos de responsabilidade em âmbito económico, político ou social, a todos os homens e mulheres de boa vontade: sejamos “guardiões” da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do meio ambiente; não deixemos que sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! Mas, para “guardar”, devemos também cuidar de nós mesmos! [...] Não devemos ter medo da bondade, aliás, da ternura!». É preciso preservar a terra não somente com a bondade, mas também com a ternura.

Eis, portanto, três atitudes que vos proponho para vencer as tentações dos sofismas, dos nominalismos, daqueles que procuram fazer algo, mas fora da realidade da vida. É preciso fazer escolhas a partir da prioridade: a dignidade da pessoa; ser homens e mulheres testemunhas da caridade; e não ter medo de preservar a terra, que é mãe de todos!

A todos vós peço que rezeis por mim: preciso disto. E invoco sobre vós a Bênção de Deus. Obrigado!